



Blumenau

em cadernos

T. O M O X — ★ DEZEMBRO DE 1969 ★ — N.º. 12

CANTO DOS COOPERADORES

ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER
GRAÇAS À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO
DOS SEGUINTEs COOPERADORES:

Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.

Dr. Henrique Hacker — Blumenau.

José Sanches Júnior — S. Paulo.

Prefeitura Municipal de Blumenau.

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet — Blumenau.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Eletro Aço Altona S/A.

Blumenau

em Ladernos

TOMO X - ✧ DEZEMBRO DE 1969 ✧ - Nº. 12

— CEM ANOS DE UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO —

(a.) José Ferreira da Silva.

A cidade de Remscheid, na Renânia do Norte, Alemanha, é conhecida, mundialmente, pelas suas grandes indústrias de ferramentas, máquinas, utensílios domésticos de ferro e aço, especialmente de aços finos. Encravada na zona montanhosa (Bergisches Land), em que se situam outros grandes centros metalúrgicos como Solingen, Elberfeld, Barmen e outros, é, hoje, uma cidade de cerca de 150.000 habitantes, com um grande movimento cultural, possuindo várias escolas superiores, escolas profissionais, museus, bibliotecas, além de intensas atividades fabris.

Há controvérsias quanto à toponímia da região que muitos atribuem à sua acidentada topografia e, outros, ao fato de que tôdas aquelas terras eram, nos tempos feudais, propriedade dos Condes de Berg.

Em 1817, aos 16 dias de outubro, nascia, nessa cidade, Carl Moellmann que, emigrando, com os seus, para o Brasil, em 1861, aqui se tornou tronco de numerosa descendência, de que fizeram e fazem parte nomes que se distinguiram em vários ramos de atividade, prestando assinalados serviços à Coletividade.

A família Moellmann era antiga e tradicional na região de Remscheid, tendo foros de uma espécie de aristocracia rural, cujas origens conhecidas remontam a épocas anteriores a 1661. No brasão de suas armas figurava um moinho, eventualmente dois. E isso porque o nome se deriva, por fonética, no patuá da região, de "Mühlmann" ou "Muellmann", que significa "Homem do moinho".

Originalmente era grafado com o tremado (Möllmann) passando, aqui no Brasil, a ser usado com o ditongo, o que não altera a pronúncia e é perfeitamente justificável na grafia do idioma alemão.

Tendo, terminado o curso escolar, se dedicado à profissão de pintor, tapeceiro e vidraceiro, Carl Moellmann casou-se, em 24 de Março de 1843, com Lisete Hilberts, 6 anos mais moça do que êle e com a qual teve cinco filhos.

Mas, a vida, naquela época, para gente de poucos recursos, era difícil, na Alemanha. E Carl, que lutava duramente para prover o sustento da família e pressionado, também, por outros fatores de ordem geral no país, resolveu emigrar, tentar a fortuna em outras terras.

E escolheu o Brasil.

Entretanto, a emigração de alemães para o Brasil estava, praticamente, proibida pelo chamado "von der Heydtsche Restrikt".

Em 1859, tendo se acentuado, na imprensa alemã, queixas e reclamações contra o regimen a que estavam submetidos imigrantes germânicos no Brasil, principalmente nos estados do Rio e São Paulo, o govêrno alemão resolveu tomar medidas drásticas para pôr um fim a êsse estado de coisas. Trabalhando sob o regimen de parceria, colonos alemães, localizados nos referidos estados, eram apontados como vivendo sob verdadeira escravidão, sujeitos ao arbítrio de fazendeiros p̄potentes e desalmados.

O ministro prussiano da Indústria, Comércio e Obras Públicas, von Heydt baixou, então, a 3 de novembro daquele ano, uma portaria dificultando extremamente a emigração de alemães para o Brasil.

Mas, como só para se livrar da morte é que a gente não encontra um jeito, Carl Moellmann também achou uma saída.

Com atestado que lhe passara, em 13 de abril de 1860, o burgo-mestre de Remscheid, de que êle, de 43 anos de idade, sua mulher Lisete, de 37, e seus filhos: Carl, de 16; Hermann de 14; Ida, de 12; Alvina de 7 e Elisa, de 2 anos de idade constituíam uma família de camponeses capazes, diligentes e trabalhadores, conseguiu, em Düsseldorf, em 25 de janeiro de 1861, um passaporte para os demais estados alemães e para a Bélgica, onde iria a negócios relacionados com a sua profissão.

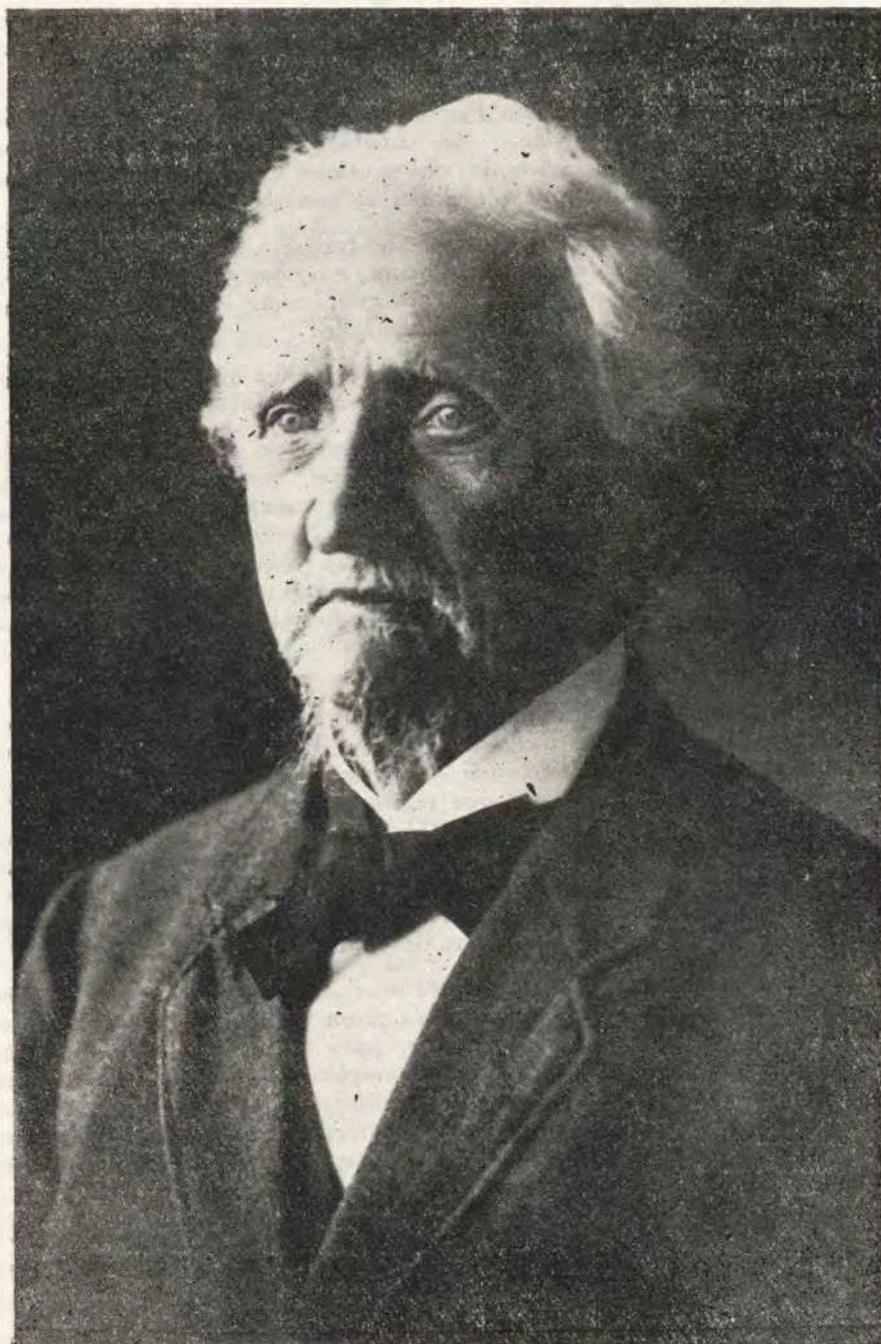
Foi-lhe, assim, fácil embarcar-se em Antuérpia, com a família, em um veleiro destinado ao Brasil.

Pelas narrativas que têm sido publicadas por contemporâneos, conhecem-se bem as circunstâncias em que eram feitas as viagens transatlânticas, nos barcos que transportavam imigrantes. Duravam, geralmente, essas viagens, quando normais, sessenta dias e só os que dispunham de meios pecuniários é que escapavam às vicissitudes e sacrifícios de tôda sorte por que passavam os viajantes de 3ª classe. Arriscar-se a essa travessia, ainda mais acompanhado da mulher e dos filhos, foi realmente, para Carl Moellmann mais que um ato de decisão; foi um gesto corajoso, um verdadeiro heroísmo.

Desembarcada na capital da Província, a antiga Destêrro, a família de Carl Moellmann foi encaminhada para a Colônia Santa Isabel, onde nasceram ainda as filhas Clara e Emília.

Essa Colônia fôra fundada em 1847, com colonos vindos da Renânia e que, tendo embarcado em navios francêses, viveram verdadeiras aventuras durante o trajeto e, posteriormente, abandonados em Niterói foram, por interferência do Dr. Blumenau, que então vivia na Côrte, encaminhados para Santa Catarina, pelo Govêrno Imperial.

Apesar da aspereza do terreno, das dificuldades de comunicação, da precariedade dos meios de que dispunham, êsses colonos prosperaram e, no ano em que a família Moellmann chegou à Colônia, esta já era povoada



Hermann Moellmann, fundador da "Casa Moellmann".

por mais de 314 casais, com mais de mil habitantes.

Acostumada a um gênero de vida e de trabalho bem diferente do que encontraram em Santa Isabel, onde as terras eram impróprias para a agricultura, muito acidentadas, a família Moellmann não se adaptou ali.

Destêrro, a capital da Província, distava uns 40 quilômetros da Colônia, pela estrada para Lajes. Era cidade já bem desenvolvida e onde havia possibilidades para artesãos de vários ofícios e, assim, Carl Moellmann e seus filhos homens foram tentar melhorar a sua sorte naquele centro.

Pela sua eficiência e dedicação ao trabalho, pela sua índole corajosa, pela honestidade de proceder, os Moellmann, em pouco tempo, não só tinham trabalho bastante e rendoso em que se ocupar, como se viram, igualmente, rodeados de um grande círculo de boas amizades.

Mandaram então, buscar o resto da família que havia permanecido em Santa Isabel e passaram a residir todos em Destêrro.

Valendo-se das amizades que conquistara e das que deixara na sua cidade natal, na Alemanha, Carl Moellmann resolveu junto com seus filhos iniciar uma casa de tintas, ferramentas e ferragens. E, realmente, em outubro de 1869, em prédio situado à rua João Pinto, êle abriu as portas de sua loja. Importando utensílios e ferramentas da região de onde viera, iniciou, muito logo, um comércio muito próspero não apenas com a capital, mas, igualmente com os centros populosos que já se desenvolviam por tôda a extensão do litoral catarinense e com as Colônias de Joinville e Blumenau, então em franco desenvolvimento.

Os filhos Carlos Júnior e Hermann serviram-lhe de dedicados e ativos colaboradores. De tal forma o empreendimento cresceu e os volumes de negócios se foram acentuando, que se impôs a conveniência da abertura de uma filial na própria capital, o que realmente se verificou em prédio situado na então rua Altino Corrêa, hoje Conselheiro Mafra, com fundos para a rua Felipe Schmidt e ao longo da rua Jerônimo Coelho. Nessa filial, mais ampla, com grande pátio para depósito de canos de ferro, tubos, arames e outro material pesado, os negócios também correram prósperos, tornando-a das melhores e mais bem sortidas casas de comércio da capital.

Os dirigentes da Casa Moellmann, dos quais se ressalta Hermann, eram homens de larga visão administrativa, com grande tino para negócios. Voltando-se, de um modo todo particular, para o comércio de importação, puderam, pelos seus conhecimentos do ramo ampliar de tal forma êsse comércio que mereceram, também, a confiança dos órgãos do governo do Estado, para os quais fizeram grandes encomendas na Alemanha. A estrutura metálica, por exemplo, da ponte sobre o Itajaí Açu no lugar "Salto", nesta cidade, foi importada da Renânia por intermédio da Casa Moellmann.

Hermann Moellmann, conhecido por todo Florianópolis como o "Tio Germano" foi não só um dos alicerces da firma como, atuante na sociedade e na política locais, prestou assinalados serviços à cidade.

Dotado de cerrada cabeleira branca, que lhe emprestava ares patriarcais, tornara-se figura tradicional já do acervo da cidade. Dotado de um coração magnânimo, de corajoso espírito de solidariedade, teve, durante

os sangrentos e tristemente célebres episódios ligados à revolução de 1893, gestos que muito o enobrecem porque praticados com risco da própria vida.

Como se sabe, dominados os revolucionários que atuavam na ainda Destêro dos fins do século passado, veio como interventor federal para Santa Catarina, o Coronel Moreira César. Este mandou prender os revolucionários mais em evidência e quantos, de uma ou de outra forma, haviam participado das manobras contra o Marechal Floriano. Mandados para a Fortaleza de Santa Cruz, na ilha de Anható Mirim, muitos dêles foram cruelmente pasados pelas armas.

Tio Germano salvou a vida de alguns dos visados, pessoas importantes da cidade, escondendo-os em barricas de farinha de trigo, que eram despachadas, em barcos costeiros, para o Rio de Janeiro.

Com o enorme e crescente desenvolvimento da colonização do Vale do Itajaí e do comércio dêste com o planalto serrano, os negócios da Casa Moellmann, que em grande parte atendiam fregueses dessas regiões, impunham a criação de uma filial em Blumenau, centro para o qual convergiam as atividades econômicas de tôda a zona banhada pelos cinco Itajaí.

A inauguração dessa filial, instalada em prédio construído pelo engenheiro Weitnauer, à rua 15 de novembro, deu-se a 13 de outubro de 1919, exatamente há 50 anos, vindo dirigirla, como seu gerente, Durval Moellmann filho de Hermann. Durval faleceu algum tempo depois, sendo substituído por seus irmãos Alberto e Oswaldo, que também já não participam mais do número dos vivos. Vive ainda, desfrutando do melhor conceito no seio da sociedade blumenauense, e cercada de tôda estima e de carinhos e atenções de suas filhas e parentes, a viúva de Alberto Moellmann, D. Lili.

Tanto Durval, como seus irmãos, deixaram reputação de homens dignos, trabalhadores, negociantes escrupulosos e honestos sob cuja orientação a filial blumenauense da firma Moellmann & Cia. teve franca prosperidade, tornando-se uma das maiores no gênero, em todo o Estado. Eram pessoas muito relacionadas e benquistas na sociedade blumenauense.

Foi, também, seu diretor, o Sr. Artur Moellmann, filho de Durval que tendo transferido sua residência para Curitiba, afastou-se da firma e vive ainda na capital paranaense.

Em virtude do falecimento de seus diretores, alguns dos quais tiveram que padecer longos períodos de enfermidade, a matriz e a filial de Florianópolis tiveram que encerrar suas atividades, em 1921, subsistindo, entretanto, cada vez mais atuante e conceituada, a filial de Blumenau.

Em 1957, as ações da Casa Moellmann foram adquiridas por um grupo de quatro famílias, tôdas residentes em Blumenau, as de Ernesto e Walter Stodieck e as de Paulo Fritzsche e Udo Schadrack.

Os dois primeiros, Ernesto e Walter Stodieck, são descendentes diretos (bisnetos) do fundador Carl Moellmann.

A "Casa Moellmann" passou então, por várias reformas e ampliações, adquirindo, com a intensificação de seus negócios novas energias que a impulsionaram até o extraordinário grau de progresso de que, atualmente,



Festa de confraternização da Diretoria, Conselho Fiscal e Funcionários da “Casa Moellmann”.

pode orgulhar-se. E tornou-se, em razão da residência, aqui, de todos os seus acionistas uma organização inteiramente blumenanense e a serviço do Vale do Itajaí, e de todo o Estado de Santa Catarina, concorrendo, pelo volume considerável de suas transações, para o enriquecimento da Coletividade.

Como os seus fundadores e continuadores, os atuais dirigentes da "Casa Moellmann" têm a destacar-lhes e a honrar-lhes o passado, um rol de atividades que sobremodo os dignifica.

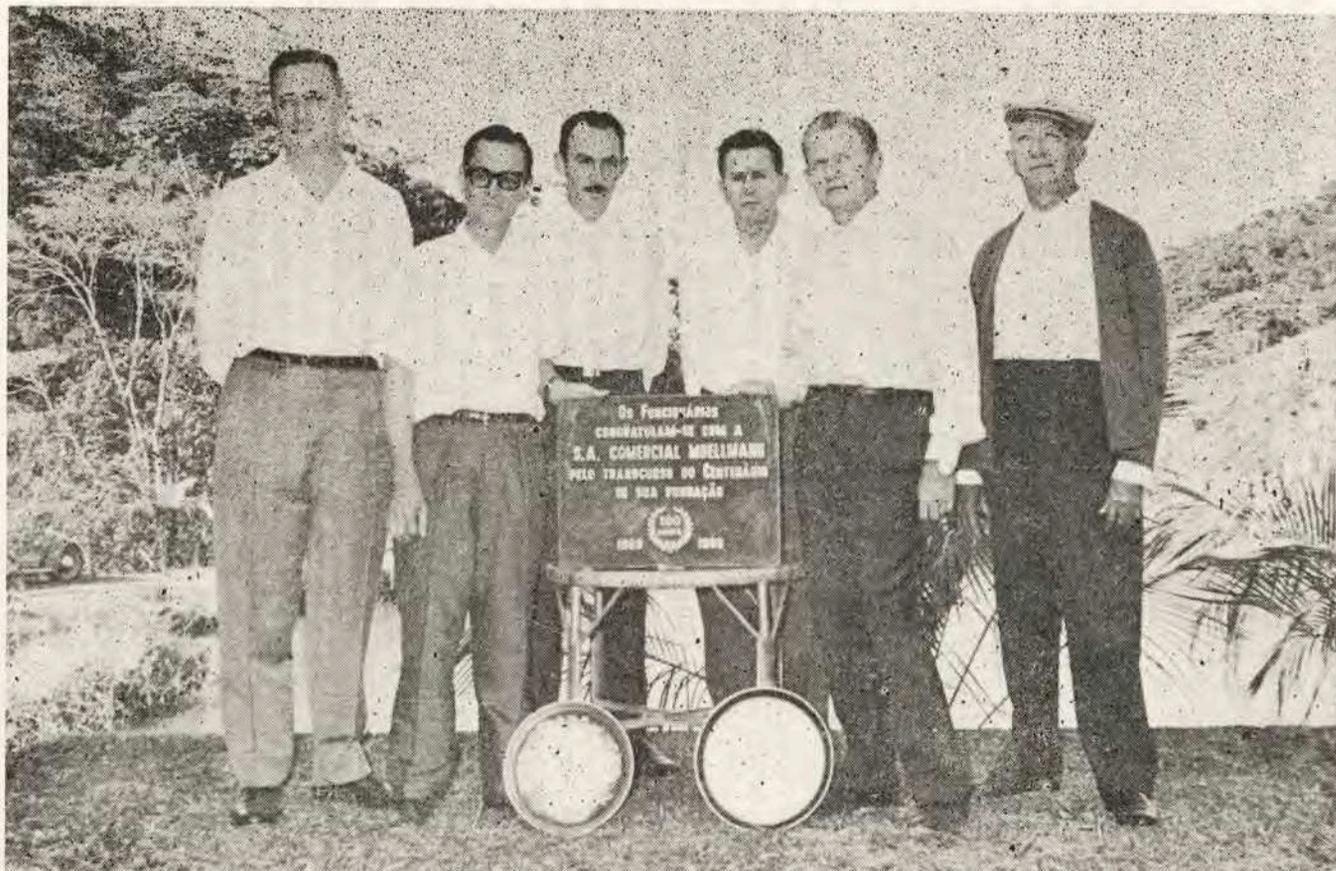
Ernesto Stodieck foi, durante 27 anos (1940 e 1967), diretor-gerente da Empresa Industrial Garcia, o maior empório industrial têxtil do sul do país. Pela sua exemplar atividade nessas funções, prestou, incontestavelmente, relevantes serviços à grande Empresa que é pioneira, na América do Sul, na fabricação de toalhas felpudas e toalhas de mesa. Principalmente, durante os anos difíceis da segunda guerra mundial, a atuação de Ernesto Stodieck, hábil e prudente, à frente da Empresa Industrial Garcia, concorreu para que esta conseguisse, não apenas manter, mas ampliar mesmo o seu prestígio e a sua capacidade de produção. Atualmente, o Sr. Ernesto Stodieck é membro do Conselho Consultivo daquela Empresa que, dia a dia, mais firma o seu conceito e o seu crédito entre as grandes indústrias do país. Na Porcelana Schmidt, o Sr. Stodieck exerce idênticas funções.

Walter Stodieck, por sua vez, é sócio titular da firma Stodieck & Schadrack Ltda., representante, em Santa Catarina, de importantes indústrias do país e do estrangeiro. Homem culto, de caráter lhamo, tratável, goza de merecido prestígio no mundo intelectual assim como de justo destaque nos meios econômicos do Município e do Estado.

O Sr. Paulo Fritzsche, homem de fino trato e esmerada educação, é diretor e grande acionista da Distribuidora Catarinense de Tecidos S. A., além de acionista e diretor-presidente da Sul Fabril S. A. Pela sua grande prática comercial e pelo seu reconhecido tino administrativo, Paulo Fritzsche elevou essa conceituada indústria a alto grau de prosperidade, tornando-a uma das mais modernas e produtivas do Estado.

Udo Schadrack, o outro grande acionista da "Casa Moellmann" pode orgulhar-se, muito justamente, da fôlha de excelentes serviços que tem prestado à comunidade blumenauense, já como simples cidadão, já como industrial e comerciante. É também sócio da firma Stodieck & Schadrack Ltda.

Filho de tradicional família blumenauense, cujo tronco, o Sr. Eduardo Schadrack, foi um dinâmico e dedicado companheiro do fundador da Colônia, o Dr. Blumenau, Udo Schadrack encontra tempo, fora das preocupações de que o trazem sobrecarregado as obrigações para com as firmas que dirige, para dedicar ao bem estar da comuna que lhe serviu de berço. Amigo da natureza, tocado pelos seus encantos e as suas belezas, Schadrack adquiriu os terrenos que rodeiam o conhecido "Spitzkopf", morro que, com os seus 970 metros de altitude, se constitui no ponto culminante de toda a região do Vale do Itajaí e ali fundou um "Parque de Criação e Refúgio de Animais Silvestres", onde conserva e defende milhares de espécimes da fauna e da flora de Blumenau. Presta, assim, o Sr. Schadrack, um inestimável serviço ao Brasil, e especialmente ao nosso Estado, preservando da destruição aves e animais silvestres que a imprevidência de alguns e a sanha de caçadores impiedosos condenavam ao desaparecimento.



Diretoria e Conselho Diretor. Da esquerda para a direita: Walter Stodieck, Udo Schadrack, Ingo Wehmuth, José Demleitner, Paulo Fritsche e Ernesto Stodieck Júnior.

Êsses quatro homens, dotados de múltipla capacidade e de entranhado amor a Blumenau, recapitalizaram e reorganizaram a tradicional "Casa Moellmann", agora centenária e a estão impulsionando para ainda maiores e mais amplos destinos, empenhados todos em continuar mantendo as virtudes que conquistaram para a firma o renome de que ela pode, com tôda justiça, se orgulhar como padrão de honestidade que sempre foi.

No instante em que a S. A. Comercial Moellmann, mais conhecida por "Casa Moellmann", completa o centenário de sua fundação, possui duas magníficas lojas, situadas bem no centro comercial de Blumenau, uma especializada em materiais para construção, ferragens, ferramentas, cordoaria, etc., e outra no ramo de porcelana e cristais, sendo, no gênero, a maior do Estado.

Com uma organização que se pode, com inteira justiça, chamar de exemplar; com um enorme estoque de mercadorias; com um pessoal perfeitamente treinado e atencioso, a "Casa Moellmann" tornou-se conhecida e benquista, não apenas na cidade, mas em todo o Estado e também no Brasil e mesmo no estrangeiro. Turistas que, freqüentemente, passam por Blumenau, vindos de outras nações, não se cansam de externar a sua admiração e louvor pela maneira como são recebidos, tratados e servidos pela grande organização comercial, que procura, ao mesmo tempo que fazer os seus negócios, dar a êsses turistas a melhor impressão possível da nossa cidade e da sua gente.

Cooperando com o govêrno municipal, que se empenha em atrair para Blumenau o maior número possível de visitantes e a oferecer-lhes, por preço acessível, mercadorias aqui fabricadas, a "Casa Moellmann" acumulou um estoque de porcelanas e cristais que deslumbra a quantos os admiram pela grande beleza e alta qualidade dos produtos.

E é comum ouvir-se, mesmo de gente procedente dos mais adiantados centros fabris da Europa, que êsses gêneros da produção blumenauense nada ficam a dever aos das melhores origens européias.

Em grande, senão na melhor parte, deve-se essa prosperidade, êsse espírito de colaboração, êsse perfeito engajamento da Casa Moellmann no processo de desenvolvimento social, econômico e cultural de Blumenau, ao pulso firme do diretor-presidente, Sr. Udo Schadrack.

Não menos eficiente tem sido a atuação do Vice-Presidente, Paulo Fritzsche e dos diretores José Demleitner e Ingo Wehmuth e dos gerentes e chefes de seções Hans Schadrack, Hans Roedl, Udo Seibt, Waldemar Gauche e às várias outras dezenas de auxiliares e colaboradores, cuja atividade em pródo de desenvolvimento da organização, cuja fidelidade aos seus chefes, honestidade e cortezia para com os freguêses, têm sido fator altamente positivo no conceito com que a Casa Moellmann vem se impondo e se firmando cada vez mais.

Não poderíamos encerrar esta notícia desprezenciosa dos cem anos de atividades da Casa Moellmann, sem volvermos, mais uma vez, o nosso pensamento aos fundadores da firma, num preito de sincero, de profundo reconhecimento pelo legado que êles nos deixaram, menos do enorme valor representado pelos bens materiais que constituem, atualmente, o acervo da organização de que lançaram os alicerces, do que a riqueza incalculável dos exemplos de trabalho, de honestidade, de renúncias, de fé e de solidariedade



A “Casa Moellmann” foi distinguida com muitas homenagens, por ocasião do seu centenário, como placas e porcelanas comemorativas.

humana que êles nos transmitiram.

Hoje, o número dos descendentes daqueles pioneiros é muito grande. E enorme é, também, o parentesco em razão dos entrelaçamentos, pelo casamento, de membros da família. Por exemplo, para citar, apenas, entre os mais ligados às origens da organização: Hermann Moellmann casou-se com Inês Wagner, já brasileira, filha de Cristiano Wagner, dos primeiros colonizadores de São Pedro de Alcântara e dos primeiros alemães vindos para Santa Catarina.

Êsse Cristiano era irmão de Pedro Wagner, dos primeiros colonizadores de Blumenau e que, dos seus dois casamentos, tivera 24 filhas. Estas, ligadas, pelo matrimônio, a imigrantes auxiliares do Dr. Blumenau na fundação e desenvolvimento da sua Colônia aparentaram-se com as principais famílias da região. É quase incontável o número daqueles que têm a correr-lhe nas veias o sangue dos Wagner, criaturas abençoadas pela sua prolificidade, pela sua capacidade de trabalho, pela austeridade de seus princípios, pela riqueza de suas virtudes.

Quanto ao primogênito de Carl Moellmann, que tinha o mesmo nome do pai, também casou-se e teve quatro filhos, dois homens e duas mulheres. Dos homens, Carl foi, muito cedo, vitimado pela febre amarela. O outro, Eduardo, após o falecimento de seu tio Hermann, o Tio Germano, foi presidente da Casa Moellmann. Dos 3 filhos de Eduardo, dois tiveram atuação muito destacada na vida catarinense: Djalma Moellmann que, formado em medicina, ganhou fama de hábil diagnosta e competente clínico, tendo fundado o Hospital São Sebastião, da Capital do Estado. O outro, José, mais conhecido por Juca Moellmann, foi engenheiro muito capaz. O terceiro, Egberto, foi, por longos anos, funcionário da Casa Moellmann.

Nenhum dêles vive mais. Mas todos deixaram filhos e netos.

Os vários ramos da família imigrada, floresceram. Muitos dos seus descendentes vivem, distribuídos por variadas atividades profissionais, espalhados por vários pontos do Estado e do País, todos orgulhosos dos seus ancestrais que lhes legaram uma preciosa tradição de dignidade, de coragem e de disposição para enfrentar tôdas as vicissitudes com que a sorte costuma surpreender-nos, e, sobretudo, para, amando entranhadamente a terra em que seus pais vieram buscar a fortuna e a felicidade, trabalharem pela grandeza sempre crescente da pátria brasileira.

Em julho de 1908, o sr. Alois Fleischmann, negociante em Itajaí, fêz uma petição ao Congresso Estadual, solicitando concessão para a construção de uma linha de estrada de ferro entre o pôrto de Itajaí e a cidade de Blumenau. A linha partiria daquele pôrto, atravessando o Itajaí Mirim, no lugar Barra do Rio e seguiria pelo traçado da estrada de rodagem, passando por Barra do Luiz Alves, Ilhota e Gaspar. Seria movida à tração elétrica, por energia fornecida pelo Salto do Luiz Alves; a bitola seria, no mínimo de 1 metro. O proponente exigia o privilégio de exploração da estrada por 60 anos, isenção de todos os impostos etc. A concessão não foi dada porque a Estrada de Ferro Santa Catarina tinha, em seu contrato com o govêrno, a preferência para a construção de caminhos de ferro dentro do território do Estado.



6) Vista dos prédios atuais da "Casa Moellmann", à rua 15 de Novembro.

O GALDROPE DO LEME

Celso LIBERATO

Quem hoje passa para Cabeçadas e vê aquêles molhes de pedra mar adentro, que asseguram a entrada e a saída dos navios, talvez não saiba ou já não se lembre dos riscos e das dificuldades da barra de antigamente.

Como não é segredo para ninguém, a grande dor de cabeça de nossa terra, Itajaí, foi sempre o estado da barra. A entrada da barra. A saída da barra.

Coisa de cristalino entendimento, já que se trata de uma cidade que muito depende do pôrto, como o pôrto depende todo da barra.

Naqueles tempos de outrora, o práctico da barra era o velho Maia, profissional cauteloso, infenso às arriscadas, que timbrava em dar aos mistéres da praticagem e tom solene de boné branco e de jaquetão azul-escuro, de botões dourados.

Depois veio mais um, o Joaquim Fernandes, homem ainda môço, que por seu arrôjo e coragem muito contribuiu para a reabilitação da barra, dando passe a navios de grande calado, nacionais e estrangeiros, como os alemães "Coblentz", "Santa Tereza" e outros.

Mas, dada a instabilidade das condições da barra, vez por outra, zás, um naufrágio.

Quando isso ocorria, todos os olhos estavam pregados no barco adernando sôbre o pontal.

E logo ferviam os comentários na cidade: a culpa era tôda do práctico; a responsabilidade era só do práctico. Também botar pra dentro o navio com êste mar picado e êste pé de ventania. Coisa de doido.

E num crescendo: onde já se viu imprudência igual? Qualquer dia dêste não teremos mais vapores no pôrto. Ficaremos abandonados. Homessa. Era só o que faltava. E logo agora, perto do Natal, lá se vai por água abaixo todo êsse carregamento de trigo. E de querozene, que também está faltando na praça.

Outros, menos apressados em seus juizos, obtemperavam: vamos ver o que diz o práctico. Talvez alguma falha do leme. Às vêzes a máquina não atende. Ou uma guinada do barco. Ou uma...

E logo os mais afoitos: que nada, olha esta correnteza de água-do-monte. Depois a barra é que é ruim, o canal é que é estreito, e mais isto e mais aquilo. Parece até que há uma conspiração organizada para isolar Itajaí. Um sindicato do contra. Estamos bem mas não é muito.

Mas não demorava nada e lá vinha a boa nova salvadora da praticagem: a culpa era tôda do galdrope do leme. Quem foi que disse que o práctico era o responsável? Responsável coisa nenhuma. Quem manda o galdrope enguiçar mesmo na horinha em que o barco embicava pelo canal, a resvalar entre a lage e os bancos de areia?

Quem manda?



Uma procissão pela lamacenta rua 15 de Novembro, no ano da fundação da filial de Blumenau da "Casa Moellmann".

DO MEU CADERNO DE RECORDAÇÕES

Ayres GEVAERD

ONKEL HOTEL e SCHÖNER WILHELM

Duas personalidades do passado lembradas, a primeira por meus avós e a segunda com mais freqüência por meus pais, e que tiveram, em razão de suas respectivas profissões, certo destaque na sociedade, nos primórdios da colônia e na vila, foram, respectivamente, Onkel Hotel e Schöner Wilhelm.

Felipe Krieger, mais conhecido por Onkel Hotel, foi participante da quinta leva de colonos, entrados em 1861 como boticário e lavrador, funções que não exerceu. Como seu irmão Guilherme, tornou-se padeiro e proprietário, possivelmente o primeiro, de um hotel na então colônia.

Meus avós maternos e uma tia, há pouco falecida (Matilde Ristow), sempre que lembravam um acontecimento social ou aventura boêmia, Onkel Hotel se achava presente.

Onkel Hotel foi se apagando de minha lembrança, para reaparecer anos depois em documentos históricos, no livro "Brusque" e nos registros da Comunidade Evangélica.

Existem várias referências ao padeiro Krieger nos registros do Barão de Schnéeburg, notadamente quando a administração foi roubada em 9:000\$000 - cédulas de 2\$000 - na noite de 4.3.1862. Dias depois, Felipe Krieger achou a caixa contendo o dinheiro, submersa em uma lagoa que ficava nos fundos de seu hotel (imediações do futuro pavilhão de exposições), tendo sido gratificado com 100\$000. O velho Barão teve a paciência, segundo anotou em documento, de "passar a ferro" tôdas as cédulas.

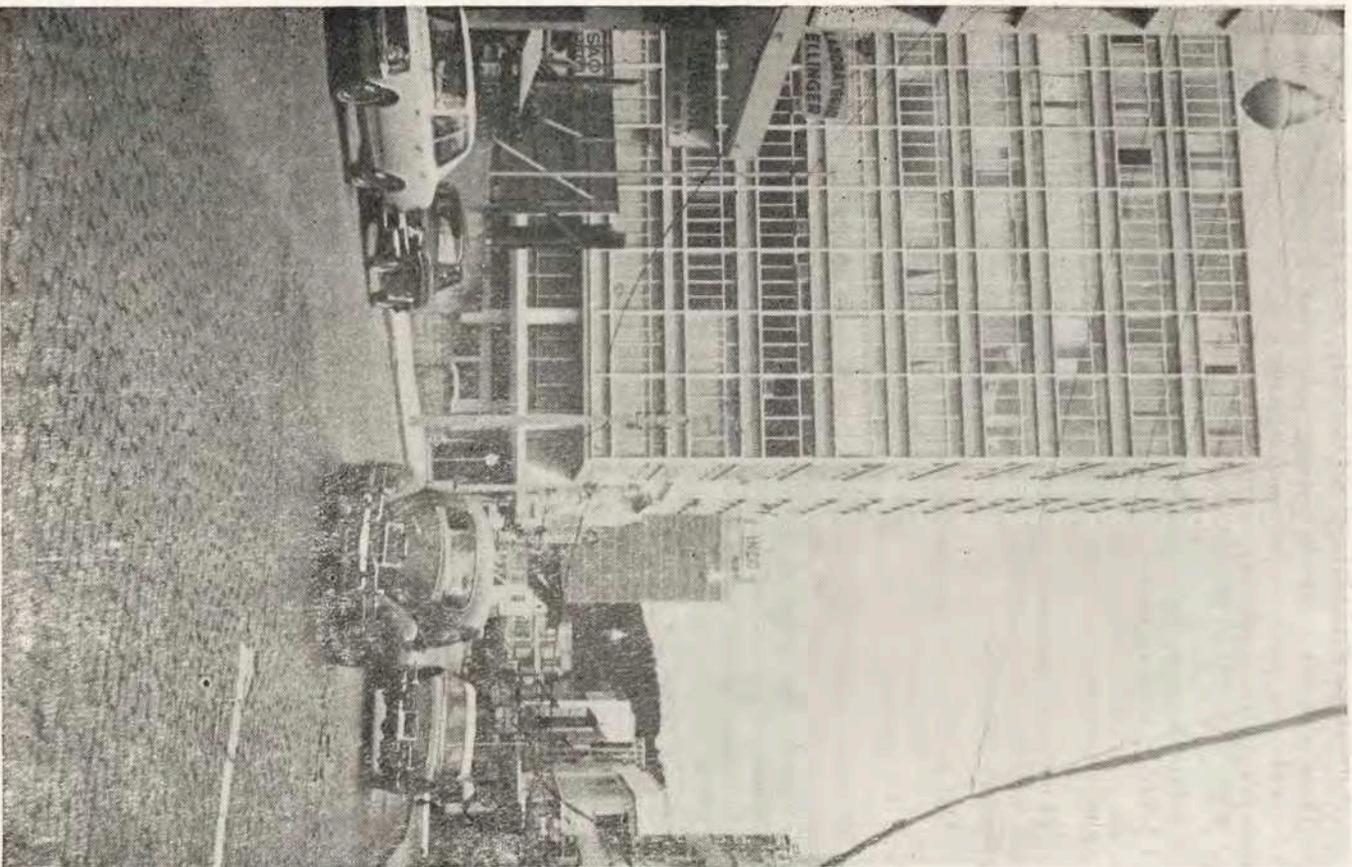
Onkel Hotel deve ter sido muito popular e benquisto na vida comercial e social da colônia, posição que se justifica pelos numerosos registros de batizados na Igreja Evangélica, servindo como padrinho.

Não me recordo se minha tia Mathilde m'ô contou ou se o li em algum registro especial: verificara-se o nascimento de uma criança de mãe solteira cujo nome era conhecido. O pai, entretanto, era desconhecido, porém, segundo se murmurava "possivelmente Onkel Hotel".

Guilherme Luiz Krieger, o Schöner Wilhelm, era filho de Onkel Hotel e deve ter herdado certas características pessoais de seu pai, inclusive seus bens. Continuando com a tradição, conservou o Hotel "Zum Deutscher Kaiser", que ficava no lugar aonde hoje se encontram as firmas Representações Appel, Casa do Rádio (filial) e Loja Malossi.

O "Schöner Wilhelm", seu hotel, seu bar e o grande salão para festas, tornaram-se famosos tanto que, nos registros das atividades sociais e artísticas de Brusque, no período de 1905 a 1920, aproximadamente, são freqüentemente lembrados, assim como os Atiradores.

Salvo as grandes festas que requeriam salões amplos, como por exemplo o dos Atiradores, promovidas desde os primeiros anos da colonização (1866), as demais, com pequenas exceções, se realizavam no salão do "Schöner Wilhelm".



Vista atual do mesmo trecho da rua Quinze, que se vê na procissão da foto anterior.

O primeiro cinema de Brusque, "Cinema Moderno" de Willibaldo Stracke, instalado em 1912, ocupou o salão, com programação semanal; as atividades dos clubes "4 de Agosto", "Liberdade", Sport Clube Brusquense na primeira fase e outras entidades lá se desenvolviam. A concentração dos atiradores para iniciarem o desfile nas memoráveis festas de Páscoa lá era feita assim como seu encerramento que se dava nas têrças, após a marcha de regresso. O início dessas famosas concentrações para a maior festa popular do ano, era perfeitamente equilibrada, correta e entusiástica. Já no encerramento, o desequilíbrio dos participantes, em sua maioria, era patente, físico e espiritual.

A Sociedade dos Cantores, vez por outra, ocupava o salão para ensaios e noites de arte, sob a direção do Prof. Moritz Lehmann, grupo do qual participava o próprio Schöner Wilhelm.

Existia na Vila, até o término da primeira grande guerra, um grupo que comemorava anualmente o aniversário natalício do Kaiser da Alemanha, ocasião em que enaltecia a Glória da velha Germânia, terminando, naturalmente, no bar da casa que lembrava o próprio Imperador alemão.

As festas cívicas nacionais, promovidas pelas autoridades locais, quando não realizadas na Casa dos Atiradores, eram no salão do Cinema.

O bar do "Schöner Wilhelm" foi ponto de reunião da boemia, lá pontilhando famosos tipos populares que passaram para o Folclore da cidade e que continuou mesmo depois que passou para o proprietário, Rodolfo Krieger, parente próximo dos antecessores.

Duas coisas se destacavam no bar; um calendário com datas móveis encimado por uma gravura colorida mostrando a opulência dos negócios para quem vende a dinheiro e a bancarrota, para quem vende fiado; um armário com portas de vidro vendo-se num dos lados riscos de giz, que representavam os "tragos" de um freguês cuja presença era constante.

Guilherme Luiz Krieger, o "Schöner Wilhelm", faleceu em 1914. Por poucos anos ainda dona Ida, sua espôsa, continuou à frente dos negócios, passando o salão de cinema de W. Stracke a denominar-se: "Salão Cinema Witwe Ida Krieger". Rodolfo Krieger adquiriu mais tarde a propriedade, conservando o cinema, o bar e a padaria, até 1922 aproximadamente.

NO SESQUICENTENÁRIO DO DR. BLUMENAU

Transcorre, a 26 dêste mês de dezembro, o 150º aniversário de nascimento do Dr. Hermann Bruno Oto Blumenau, fundador desta e de outras cidades do Vale do Itajaí.

Vindo ao mundo em Hasselfelde, pequena cidade do então granducado de Brunsvique, Alemanha, Hermann, depois de fazer os seus estudos primários, entrou de aprendiz numa farmácia, em localidade próxima de Blankenburg, onde passou um ano inteiro. Concluiu o aprendizado com o farmacêutico Koch, na cidade de Erfurt, prestando ali exame de suficiência. Depois de um giro pelo sul da Alemanha, Hermann voltou à cidade natal, empregando-se como auxiliar numa farmácia. Pouco depois deixou êsse emprego, para ir trabalhar, também como farmacêutico, numa estação balneária, próxima à floresta de Teutoburgo.

Nesse meio tempo, Hermann Tromsdorff havia instalado uma fábrica de produtos químicos em Erfurt, que era, naquela época, o maior centro de atividades farmacêuticas de toda a Alemanha, e, para ela, como seu sócio, atraiu o jovem Blumenau, em 1842.

Os primeiros meses do empreendimento foram muito difíceis. Falta de recursos financeiros e, também, dos indispensáveis conhecimentos de direção de grandes empresas, levaram os dois sócios a amargas horas de preocupações e de quase desespero.

Entretanto, trabalhando árdua e persistentemente, conseguiram atravessar o cruciante período inicial. Nos fins do ano seguinte, Blumenau vai a Londres a fim de registrar a patente de um processo que ele e o sócio haviam descoberto, de redução do sulfato de chumbo por meio do zinco. Na capital da Inglaterra, Blumenau encontrou-se com João Jacob Sturtz, que fora nomeado cônsul geral do Brasil na Prússia.

Das longas palestras, que tivera com esse homem, a respeito da natureza e das personalidades da terra brasileira, principalmente no tocante à colonização, Blumenau saiu grandemente entusiasmado e resolvido a pôr em prática planos que, há muito, vinha acalentando, de ver outras terras e, quiçá, dedicar-se à sua colonização.

Tão logo regressou de Londres, rescindiu o contrato com Tromsdorff e matriculou-se no curso de Química da Faculdade de Filosofia de Erlangen. Isso em setembro de 1844. Já em março de 1846, concluía os seus estudos,

doutorando-se com a apresentação de tese sobre "Os alcalóides e as bases salinas afins em suas relações e correlações gerais", aprovada com distinção e louvor.

Decorridos apenas sete dias da sua formatura, Blumenau, munido de procuração da "Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil", embarcou para o nosso país. Aqui, ele deveria, em nome daquela Sociedade, estudar as condições de vida dos imigrados alemães e as condições existentes para estabelecer uma colonização em grande escala.

Depois de demorada travessia do Atlântico, chegou ao Rio Grande do Sul, onde se demorou por pouco tempo. Seguiu, depois, para o Rio de Janeiro; ali aportou a 4 de agosto e permaneceu por oito meses consecutivos.

Em outubro de 1847, Blumenau veio a Santa Catarina e, depois de percorrer a colônia alemã de S. Pedro de Alcântara, visitou o Vale do Itajaí.

A maravilhosa realidade que lhe foi dado constatar, na opulência das florestas, na fertilidade das terras, ultrapassou, de muito, a expectativa formada pelas informações que havia colhido.

Depois de uma viagem de exploração, rio acima, nos começos de



1849, em companhia de Fernando Hackradt, Blumenau resolveu requerer duas léguas quadradas de terras, a partir da confluência do Ribeirão Garcia, para aí estabelecer uma colônia agrícola.

Depois de vários fracassos, de superadas enormes dificuldades, conseguiu obter despacho favorável do Presidente da Província e, deixando Hackradt, que se tornara seu sócio, no local onde daria início aos trabalhos preparatórios para a recepção dos primeiros colonos, Blumenau seguiu para a Alemanha. Alí desenvolveu intensa propaganda pela imprensa e junto às autoridades prussianas. Consegue aliciar alguns colonos, entre êles incluído um sobrinho, Reinoldo Gaertner, que, depois de demorada e penosa viagem, chegaram à barra do Ribeirão Velha, a 2 de setembro de 1850, data que foi, posteriormente, fixada como a da fundação da cidade de Blumenau.

Se Hermann Blumenau, então com 31 anos de idade, passou por verdadeira via crucis para chegar a dar princípio de execução aos seus planos de colonização, os anos que se sucederam ao da chegada dos primeiros imigrantes, em número de 17, foram-lhe um verdadeiro inferno, até que, praticamente à beira da falência, pediu ao governo Imperial que encampasse o estabelecimento que fundara e que, em começos de 1860, quando se concretizou a oficialização da Colônia, contava com pouco mais de 900 habitantes.

Êsses dez primeiros anos da vida do estabelecimento foram, para o seu fundador, mais difíceis e amargurados de quantos Blumenau passou às margens do Itajaí. Idealista, honesto, profundamente religioso e apegado aos princípios morais que recebera na casa paterna, Blumenau sofreu, não apenas, as conseqüências da escassez de meios pecuniários para levar adiante a grandiosa iniciativa mas, igualmente, as resultantes da falta de compreensão e, até mesmo, da má vontade de algumas autoridades provinciais, justamente aquelas que, por dever de funções, estavam obrigadas a auxiliá-lo por todos os meios, a protegê-lo e estimá-lo.

Passando para o domínio do Governo Imperial, a Colônia continuou tendo o Dr. Blumenau à sua frente, como diretor. E, nessas funções, foi de um equilíbrio, de uma competência, de uma honestidade dignos de registro. Desenvolvendo intensa atividade, tanto na parte administrativa, propriamente dita, da Colônia, como no tocante à propaganda na Alemanha, no propósito de atrair sempre maior número de imigrantes, Blumenau conseguiu levar o estabelecimento a um extraordinário grau de progresso. Por mais de 22 anos continuou, como funcionário imperial, na direção da Colônia até concretizar-se a emancipação da mesma, com a instalação do município, a 10 de janeiro de 1883.

Motivos de família, forçaram-no a regressar para a sua pátria, vindo a falecer em Brunsvique a 30 de outubro de 1899, com 80 anos de idade.

Sua vida foi um exemplo de trabalho, de ordem, de persistência. Excelente pai de família, funcionário modelar, chefe humanitário e justo, deixou-nos maravilhosas lições de dignidade e de civismo.

Prestou assinalados serviços ao Brasil e, com a colonização de uma das mais ricas e prósperas regiões do sul do país, enriqueceu a nação que adotara como segunda pátria e que amou estremecidamente.

No ensejo da passagem do sesquicentenário do seu nascimento, curvamo-nos diante da memória de Blumenau e, como a melhor das nossas homenagens, como o mais sincero preito da nossa gratidão, renovemo-lhe a segurança de que os exemplos que êle nos legou serão a norma da nossa vida e a herança que transmitiremos aos nossos pósteros!

BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

I X

“TEUTÔNIA FASCHINGSNUMER”

A 14 de fevereiro de 1904, alguns sócios da Sociedade Teutônia, de Itoupava Sêca, bairro de Blumenau, publicaram um jornal carnavalesco com o título acima. Era editado por “einigen Hausnarren”, alguns malucos da casa. Formato de 20 x 30,5 centímetros, constava de 4 páginas apenas, impressas em gótico alemão, na sua maior parte.

Comparado com o que analisamos anteriormente e com os de que ainda trataremos, êste jornal carnavalesco não desperta nem muita graça, nem muito interêsse. As suas críticas, piadas e anedotas são mediócras. Vê-se logo que foi publicado para mexer, apenas, com alguns dos sócios da citada sociedade recreativa de Itoupava. Otto Jenrich, cervejeiro local e organizador de um pequeno museu, que teve fama e que foi muito visitado e elogiado na época, nas décadas de 1910 e 20, era dos principais visados.

Acreditamos que o número de que tratamos, foi o único publicado, pois não temos, nem mesmo notícia de outros que o tivessem seguido.

A Biblioteca Municipal, em sua seção de jornais antigos, conserva um exemplar dessa edição de 14 de fevereiro de 1904.

X

L'AMICO

A 3 de abril de 1904, veio à publicidade, na povoação de Rodeio, (hoje cidade do mesmo nome) do Município de Blumenau, um jornal inteiramente redigido em língua italiana, intitulado “L'Amico” (“O Amigo”).

Era impresso em oficinas próprias, instaladas em dependências do Convento dos Padres Franciscanos, que haviam assumido a direção da paróquia, ali criada em 1900, desmembrada que fôra da de Blumenau.

Foi graças aos esforços e à dedicação de um frade franciscano, que essa paróquia se constituiu. Êsse frade, Lucínio Korte, viera, em 1892, juntamente com outros irmãos de hábito, para substituir o Padre José Maria Jacobs no pastoreio de almas da extensa Colônia Blumenau.

Frei Lucínio encarregara-se da cura d'almas dos católicos italianos e seus descendentes que, desde 1875, habitavam e cultivavam os lotes das linhas coloniais de Rodeio, Ascurra, Cedros e outros. Dedicou-se, inteiramente a êsses seus paroquianos, exercendo, sobre êles, uma liderança absoluta, conquistando-lhes a estima e a irrestrita confiança.

Não se limitando a cuidar, apenas, dos interêsses espirituais dos colonos, Frei Lucínio tornou-se, igualmente, um conselheiro e orientador precioso e estimado em tôdas as circunstâncias e em tôdas as situações.

Foi êle o grande propagandista das culturas do arroz, do fumo e da uva que dariam, a Rodeio, uma posição destacada na vida econômica do

Município e prepararam a sua posterior emancipação política e administrativa, ocorrida anos mais tarde, primeiramente como distrito de paz, em 1917, e como município em 1934.

Desenvolvendo os planos que traçara para o desempenho mais eficiente da sua missão de padre e de chefe de uma comunidade, Frei Lucínio fundou o "L'Amico".

Jornal do formato de 32,5 x 48 cm., tinha diminuta tiragem: 250 a 300 exemplares por edição. Frei Lucínio, que era, de fato, o redator chefe, tinha como auxiliares, o seu companheiro de hábito Frei Fidélis Kamp e o professor Giuseppe Zanluca. Este, homem inteligente e de bastante cultura, foi, igualmente, o chefe das oficinas impressoras, aliás bem modestas.

Zanluca, como veremos, participou, mais tarde, da redação do "O Escudo", semanário que começou a circular em Rodeio, cêrca de dois anos depois do desaparecimento do "L'Amico", ocorrido em 1917.

"L'Amico" que teve, assim, uma existência de treze proveitosos anos, foi, incontestavelmente, um órgão que se impôs pela dedicação à causa dos paroquianos de Rodeio, embora, em certas circunstâncias e oportunidades, não tivesse podido fugir à contaminação da intolerância e do exagêro, muito comuns e justificáveis, naquele tempo, na defesa dos princípios e dos costumes religiosos, em cuja observância os padres não admitiam o mais leve deslize.

Ao escrevermos estas linhas, temos presente o número 27, do ano IV (2 de julho de 1909) do "L'Amico", exemplar que nos foi cedido pelo revm. padre Basílio Prim.

Nesse ano, o preço das assinaturas do jornal era de 5\$000 por ano e de 3\$000 por semestre. A redação ficava no próprio convento. Como sub-título trazia a indicação de "periódico settimanale pel popolo cattolico" (periódico semanal para o povo católico) e os versículos da Bíblia: "L'Amico fedele é uma protezone possente; e chi lo ha, ha trovato un tesoro" (O amigo fiel é uma proteção poderosa e quem o tem, achou um tesouro) Ecl. 6,14 e ainda: "Assai piú valgono i rimproveri dell'amico che i dolci, ipocriti baci del nemico" (Valem muito mais as admoestações do amigo que os beijos doces e hipócritas do inimigo).

Os artigos editoriais versavam, geralmente, assuntos religiosos, com riqueza de argumentações e sempre repletos de conselhos e orientações aos católicos. Grande parte das páginas internas e da última era destinada ao noticiário geral do exterior, nacional e local. Os anúncios eram um número muito limitado. Enfim, um jornal modesto, mas bem impresso e de incontestável utilidade prática.

Circulando, quase que unicamente, entre os colonos católicos de origem italiana, habitantes das linhas coloniais que haviam sido, a êles, destinadas, é claro que êsse periódico tinha que seguir uma orientação condizente com a capacidade intelectual de seus assinantes e leitores que, em sua quase totalidade, dedicavam-se à pequena agricultura.

Nem a Biblioteca do Convento de Rodeio, nem o Arquivo Municipal de Blumenau possuem coleções dêsse jornal.

X I

“DER HANSABOTE”

Jornal destinado, principalmente, à zona colonial de Hansa-Hammonia (Município de Ibirama e municípios dêste desmembrados) fundado e dirigido pelo pastor e professor Dr. Paulo Aldinger. Aparecia com quatro páginas (excepcionalmente com 6), de formato 24 x 33,5 centímetros. Seu primeiro número apareceu em outubro de 1904 (dia 8), com o título em gótico alemão, com os dizeres sob o título: “Zwangloses Erscheinen” (sem praso marcado de publicação) “Nummer 100 réis (Número 100 réis) “Herausgeber: Dr. Aldinger - Palmenhof” (Editor: Dr. Aldinger - Palmenhof) Hammonia, Sonnabend, den 8 October 1904 (Blumenau, St. Catharina, Brasilien). Êsse cabeçalho permaneceu por todo o ano de 1904. O número 1 de 1905 veio com alguma mudança, esclarecendo: “Erscheint monatlich (aparece mensalmente). Bezugspreis jaerlich 1\$000, halbjaerlich 500 réis. Einzelne Nummer 100 réis (Assinatura anual: 1\$000, semestral 500 réis. Número avulso, 100 réis). “Die dreigespaltene Korpuszeile oder deren Raum 100 réis, bei Wiederholungen Rabatt” (Por linha, ou respectivo espaço, 100 réis. Desconto para as repetições). No terceiro ano, 1906 houve novas alterações no cabeçalho, tendo sido acrescentado: Distribuidor, ou, como no original ale não “Versendung G. Arthur Koehler, Blumenau” e “Versendung in Deutschland: Geschaeftsstelle der Hanseatische Kolonie-Gesellschaft, Hamburg, Hansahaus” (Distribuidora na Alemanha: Escritório da Companhia Hanseatica de Colonização, Hamburgo. Casa de Hansa). Com o n.º 12 do 5.º ano, apareceu outra alteração: Schriftleiter: Th. Reistenbach (Redator: Th. Reistenbach), tendo desaparecido o nome do Dr. Aldinger. No n.º 8 do 7.º ano (1911), sob o título principal foi acrescentado o sub-título: “Monatsblatt fuer die Landwirte Santa Catharinas” (Fôlha mensal para o agricultor de Santa Catarina). No 8.º ano, houve modificação no enderêço da Sociedade Colonizadora Hanseática de Hamburgo que, em vez de “Hansahaus”, passou a ser Neu Groeningenstrasse, 19. O restante conservou-se inalterado, inclusive os preços, até o número 10 do 8.º ano quando, além de ligeiras modificações no cabeçalho, houve mudança de tipografia. Desde o seu primeiro número, o jornal vinha sendo publicado pela Tipografia de G. Arthur Koehler, que editava também o grande jornal semanal “Der Urwaldsbote”, em Blumenau. Do n.º 10, do ano 8.º, em diante passou a ser impresso na Tipografia de Hömke & Irmãos, em Blumenau, que passou a ser a distribuidora do jornal também. Com o número 12, do 9.º ano (1913) o jornal despede-se de seus leitores, pois cessou a publicação, prometendo a probabilidade de um número especial para dar publicidade à matéria que permanecera inédita. Assim, o jornal HANSABOTE durou, de novembro de 1904 a setembro de 1913, publicado, ininterruptamente, todos os meses. Era dedicado especialmente aos assuntos agrícolas e escolares, de vez que o Dr. Paulo Aldinger, seu diretor, era também inspetor das escolas particulares da região. Há, também, interessantes artigos e notícias sôbre assaltos de índios e a sua pacificação empreendida por Eduardo de Lima e Silva Hoerhan.

X II

“O QUEBRA-NOZES”

Pouco sabemos sôbre êsse jornalzinho que teve o seu primeiro nú-

mero publicado em setembro de 1905. Era uma fôlha de pequeno formato, crítica e humorística, órgão do "Clube de Bolão Nussknacker".

A 15 de novembro de 1905, estava no seu terceiro número e, segundo informa o "Blumenauer Zeitung", deveria sair quinzenalmente. Acusando o recebimento dêsse número 3, o "Novidades", de Itajaí, a êle assim se refere :

"O terceiro número do "Quebra-Nozes", jornalzinho humorístico que se publica em Blumenau, está, como os dois primeiros, chispante de boas piadas. Pelos modos, o pequeno colega se vai popularizando e conquistando terreno".

É possível que se tenha editado mais outros, além dêsses três números. Entretanto, não temos notícias, senão, dêles.

Foi, como muitos outros jornais críticos e humorísticos que surgiram, posteriormente, em Blumenau, de vida efêmera, frutos, quase sempre, de entusiasmos passageiros, que esmoreceram ao encontro dos primeiros percalços encontrados, principalmente os de ordem financeira.

COISAS

Érico Max Müller

Entrar no Vale é passar sob uma cascata, conhecer a velocidade através dos óculos raibam ou posar para fotografias no parque do monumento ao sábio. Ali as nuvens são o balão da memória, repetindo: mil novecentos e trinta, 1930. Anos de aclamações, uma geração lírica, visitas dos oficiais do zepelim.

Margem do ribeirão da Velha (aquela uma vez môça): a grama envolve as cobras. Palhetas decoradas com postais da Avenida do Imperador, beijos de propaganda nos salões cheirosos de resina, onde cantam "vamos para o campo de fôres/ lá o céu é azul/ lá dança o bode/ com sua jovem mulher". Eis o noticiário no "Mensagem das Selvas": o rio transborda. Borda novas toalhas de parede com ramos e corações. Amanhã acordarás cedo para medir as árvores, pausadamente amadurecer as maçãs do rosto na aurora listrada. À tarde tomarás coca-cola sob o guarda-sol próximo ao leito plástico do rio grande.

O rio volta, revolta, com enchentes nos parapeitos. Mas dali o menino mastiga o chicletes da imaginação e repete em voz fria: "o destino do tarzan e do superhomem, mesmo o destino do tarzan e do superhomem, mesmo etc".

Algumas ilustrações de rios na Índia, a luz desgastada envelhece as revelações. Ei-lo, observa o desfile nas festas, o centenário da chegada ao Vale. Cem anos entre uma flor-de-lis, e um canário. Rua quinze de novembro, de setembro, dos carros abertos e lenhadores floridos. Transportam as crianças à história, mestres-escolas à fantasia, atiradores de alvos geométricos, ainda mais carros-de-molas no entusiasmo, tudo, tudo em cima, no mosaico da consciência.

REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

Por obra do acaso veio-me chegar às mãos a história da família Altenburg, cujo chefe, o Sr. Luiz Altenburg Senior, deixou a sua terra natal a cidade de Reichenbach, na Silésia/Alemanha, para imigrar para o Brasil em 1857. Chegou ao pôrto de Itajaí no dia 16 de dezembro de 1857, e dali se dirigiu de canoa a Gaspar, onde estabeleceu residência. Inicialmente dedicou-se à lavoura depois estabeleceu-se com uma pequena olaria e, posteriormente com casa de comércio. Foi um dos pioneiros da exportação, para o Paraná, de açúcar mascavo fabricado pelos lavradores de Gaspar. Para isto, chegou a comprar uma embarcação a vela, com a qual transportava o açúcar até o pôrto de Paranaguá. Com o correr dos tempos, o Sr Luiz Altenburg deixou Gaspar e foi estabelecer-se em Blumenau também com casa comercial e com uma fundição de ferro. Em Gaspar deixou muitos amigos e freqüentemente voltava a esta localidade, para visitá-los. Conheci bem este respeitável senhor e sempre que vinha a Gaspar, quando falava com meu pai e com meu avô, gostava de ouvi-lo falar e recordar os tempos que viveu em nossa freguesia.

Quando o Sr. Luiz Altenburg Senior passou a residir em Blumenau, o seu negócio em Gaspar permaneceu sob a gerência de seu filho Adolfo. Este era casado com uma prima irmã de minha falecida mãe, por isto mantínhamos estreitas relações com a família Altenburg, sendo que

uma filha e um de seus filhos freqüentavam comigo a mesma escola primária. Eu e minha irmã brincávamos muito com nossos primos, que dispunham de um grande jardim ao lado da casa no qual o Sr. Adolfo Altenburg mandou instalar balanços e outros brinquedos, que usávamos com grande alegria nas nossas horas de folga.

O negócio do Sr. Adolfo Altenburg em Gaspar, foi para a época, realmente uma grande casa comercial. Além do comércio de tecidos, ferragem e armário, êle continuou a exportar açúcar para o Paraná e para outros estados do Brasil e, também dedicou-se ao comércio de madeira que também exportava. Mais tarde anexou à sua casa comercial uma pequena fábrica de banha, de lingüiça e outros produtos de carne suína, produtos êstes que em Gaspar e em Blumenau sempre tiveram boa aceitação. O Sr. Altenburg, foi, por longos anos, agente dos navios da Companhia de Navegação Fluvial Blumenau Itajaí, foi o homem que contratou o livramento da grande chata marítima carregada com os trilhos para a Estrada de Ferro Santa Catarina, que havia enalhado junto à ilha, frente à cidade de Gaspar, e foi êle quem trouxe para Gaspar o gramofone, que tanto havia de causar admiração aos pacatos moradores de Gaspar de então; acontecimentos êstes aos quais já me referi em crônicas anteriores.

Frente à casa comercial do Sr. Adolfo Altenburg havia uma

área livre, na qual encontrava-se uma enorme conífera, que fornecia sombra aos animais de tração e de montaria dos fregueses da casa, que vinham do interior para fazer compras. Debaixo desta mesma árvore, os aprendizes da casa comercial costumavam os sacos de aniagem para o açúcar de exportação e era ali que se formavam pequenas rodas de colonos, que discutiam os acontecimentos recentes. Aliás, pela casa do Sr. Altenburg passaram como aprendizes, muitos homens que mais tarde se estabeleceram por conta própria, aproveitando a experiência adquirida no seu aprendizado em Gaspar. Ali, também, freqüentemente encontravam emprêgo, homens vindos da Alemanha, que no Brasil queriam tentar vida nova. Trabalhavam como balconistas ou como empregados no escritório da firma. Também para êles, a estadia nesta casa comercial era de grande valia, pois além de familiarizarem-se com as condições de vida no Brasil, recebiam uma boa orientação do chefe da firma sempre afável e amigo, se bem que homem enérgico, que exigia bom cumprimento do dever da parte de seus empregados. Quem mais aproveitava, eram os aprendizes da casa comercial, que residiam num anexo da mesma, pois naquele tempo, ninguém se empregava no comércio, sem antes ter trabalhado como aprendiz numa conceituada casa comercial. E o Sr. Adolfo era um chefe bondoso, porém enérgico que tanto sabia ensinar e orientar, como também sabia repreender. Nenhum daqueles que passaram como aprendizes por sua casa comercial, disto tiveram motivos de arrendimento, pois quando deixavam a casa, muitas vêzes depois de ainda ter trabalhado nela alguns anos como

empregados, estavam preparados para enfrentar a vida com todos os seus altos e baixos.

Quando em Gaspar foi criada a escola primária evangélica, o Sr. Altenburg pôs à disposição da mesma uma casa de sua chácara junto à bifurcação das estradas Blumenau-Gasparinho. Para resolver o problema de hospedagem para o primeiro professor desta escola, hospedou o mesmo por alguns anos em sua residência. Foi êle um homem, que sempre se interessou muito pelo bem coletivo, pela solução de todos os problemas que afetam a coletividade. Já me referi em crônica anterior, à calamidade surgida com a grande inundação do Rio Itajaí-Açu, que devastou todos os canaviais, as plantações de mandioca e de milho dos colonos de Gaspar. Foi então o Sr. Adolfo Altenburg que teve a idéia de mandar buscar sementes de arroz e a distribuiu aos lavradores, para que êstes pudessem contar novamente com renda certa, até que restabelecessem os seus canaviais. Desta maneira, foi êle quem incentivou a cultura do arroz em Gaspar, produto que hoje ocupa lugar de destaque na produção e no comércio local.

Para mim, menino naqueles tempos, o que mais me causava admiração, além do movimento da casa comercial com o seu típico borbório, eram o bonito carro de mola e os fogosos cavalos que o tracionavam, de propriedade do Sr. Altenburg. Não só gostava de vê-los passar pela estrada, como gostava de ver os bonitos animais, quando eram levados da estrebaria para a pastagem. Esta era bastante extensa e ficava atrás de nossa escola. Nos fundos da pastagem havia uma pequena casa, na qual havia um tanque para

banho. A água vinha por um encanamento de um dos morros próximos. Ali, embora a água fôsse bastante fria, gostávamos de tomar banho e brincar horas a fio.

Passa o tempo e passam-se as coisas. Já não existem mais os Srs. Luiz e Adolfo Altenburg. Já não se reúnem mais em minha casa paterna, minha avó, minha mãe, a Sra. Selma Gaertner, irmã

do Sr. Luiz, com a sua sobrinha e a sua prima Alice Altenburg, para tomarem o seu café e para conversarem. Esta última ainda vive, as outras já não são mais vivas. Acabrunham-se as saudades, quando recordo aquêles bons tempos. Seriam bons porque eu ainda era muito jovem para perceber-lhes os males da época, ou eram realmente tão bons que deixaram saudades em todos que os viveram?

No tempo em que o sr. Henrique Reuter construía uma estrada serra acima, isso em 1907, "L'Amico", jornal que se publicava em Rodeio, em língua italiana, noticiava-se que na citada construção fôra encontrada, na profundidade de 25 centímetros, uma estratificação de cinzas de uma considerável grossura, estendendo-se a uma regular superfície. Julgou-se então que em épocas bem remotas tenha havido, no local, um grande incêndio. Porém achava-se certo que o terreno ali, assim naturalmente estrumado, deveria ser muito fértil. Além disso o sr. Reuter, encontrara, na profundidade de um metro, em diversos lugares das suas terras, umas construções parecidas com fornos que se supunha terem sido feitas pelos índios.

— xxxx —

A segunda greve de que se tem notícias no Vale do Itajaí foi a que se verificou a 26 de setembro de 1907. Nesse dia, a maior parte do pessoal da "Companhia Fluvial" fêz greve em Blumenau, exigindo aumento de vencimentos. O resultado foi negativo para os grevistas, porque os diretores da Companhia telegrafaram para Itajaí e obtiveram outros trabalhadores que substituíram os que estavam em greve.

— xxxx —

Em uma das sessões do Conselho Municipal de Blumenau, de dezembro de 1907, foi concedida licença à Companhia Estrada de Ferro Santa Catarina para a construção de um ramal da estação até o pôrto, pelas ruas da cidade. Em virtude da oposição que o fato criou, não se realizou o projeto.

ÍNDICE DO TOMO X

	Pag.
Nôvo marco — Redação	1
Janela do passado — P. Raulino Reitz	2
A dama do véu branco — Renate Rohkohl Dietrich	4
Aviação sem motor em Blumenau — Fritz Reimer	9
Reminiscências — H. P. Zimmermann	11/28/47/73/96/110/129/153/210

Primeira Constituição Republicana do Estado de Santa Catarina — Redação	13
Um antigo calendário — Carlos Ficker	14
As armas e a Bandeira do Estado de Santa Catarina — Redação	15
Uma interessante proposta — Redação	16
Taió cinquentenária - Taió centenária — Rolf Odebrecht	21
Fundação Odebrecht na Alemanha — Rolf Odebrecht	27
Tiros de guerra e um bemérito — Redação	31
Estantes dos "Cadernos" — Redação	34/120
Visita a um museu — Celso Liberato	35
A pacificação dos indígenas de Santa Catarina — Dr. Paulo Aldinger	36
A fundação do Partido Federalista em Destêrro — Redação	39
Um excelente trabalho — Redação	40
Blumenau em 1863 — Redação	41
Brasão da família Odebrecht — Dr. Ralf Odebrecht	46
Os trabalhos de Fritz Müller — Redação	50
Combate do Morro do Aipim — Redação	53
O novo prédio dos Correios e Telégrafos — Redação	55
A estrada Blumenau-Curitiba — Redação	58
Justiça a um bemérito — Redação	60
Primeira visita de uma oficialidade de navios da Marinha de Guerra do Brasil a Blumenau — Redação	60
O exército no Vale do Itajaí — Redação	61
Segunda Sociedade de Cantores de Blumenau — Redação	65
Uma carta de Paulo Kellner — Redação	76
Uma polêmica provocada por Fritz Müller — Redação	78
Estrada de Ferro Santa Catarina -- Redação	81
Dados relacionados com a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina - Redação	87
Coisas de fantasmas — Redação	90
Indígenas — Redação	90
"As locomotivas da Estrada de Ferro Santa Catarina" — J. O. Berner	91
"Superintendentes da Estrada de Ferro Santa Catarina" — Redação	93
Falecimento do médico da Colônia Blumenau, Dr. Cláudio Fr. Jebe — Redação	93
O primeiro bispo de Santa Catarina — Redação	93
Uma viagem de Joinville a Blumenau em 1905 — Carlos Ficker	94
Brusque há cem anos — Ayres Gevaerd	99
Blumenau e a sua imprensa — Redação	66/101/125/144/201/241
Arquivos em foco — Sebastião Cruz	104/215
Iluminação a querosene da cidade de Itajaí — Redação	107
O primeiro blumenauense bacharel em direito — Redação	108
A pesca do bagre — Redação	115
O povoamento e a colonização do Alto Rio dos Cedros — Redação	117
O pitoresco na história — Redação	118
O primeiro médico e a primeira farmácia de Gaspar — Redação	118
Várzeas de Rio do Sul — Alfredo E. Cardoso	119
A Pedra da Laguna e a 2ª. expedição do Dr. Carl von den Steinen ao Xingú, em 1887 — Carlos Ficker	121
A estrada de rodagem entre Itajaí e Florianópolis — Redação	152
Uma opinião sobre os silvícolas — Redação	133
Uma greve original - Redação	136
Imigrantes - Alfredo E. Cardoso	137
Um congresso importante - Redação	138
Um cruzeiro memorável - Redação	139
Indígenas - Redação	140
O fim de um herói - Redação	140
Blumenau há cem anos atrás - Redação	141
Auto biografia de Carlos Frederico Guilherme Butzke	150
Origem do apelido "lambisa" - Redação	152
Os dois primeiros padres salesianos do Vale do Itajaí - Redação	155
Uma petição do Dr. Blumenau - Redação	156
História de robalão -- Celso Liberato	156
Memórias de Max Brueckheimer	157
Brusque, a imigração e a polêmica reivindicatória -- Afonso Inhof	205
Do meu caderno de recordações -- Ayres Gevaerd	213

Itajaí quer dizer: pedra laminada... -- Silveira Júnior	218
Antiga denominação dada à cidade de Navegantes -- Redação	220
Cem anos de uma grande Organização - Casa Moellmann	221
Estrada de Ferro Itajaí a Blumenau	231
O Galdrope do Leme - Celso Liberato	235
Do meu Caderno de Recordações - Ayres Gevaerd	235
No Sesquicentenário do Dr. Blumenau - Redação	237
Coisa - Érico Max Müller	243

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr\$ 6,00 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

A todos os nossos leitores, assinantes,
cooperadores e amigos desejamos um
FELIZ NATAL e um PRÓSPERO ANO
NÔVO. Que 1.970 traga para todos muita
Saúde, Paz e Prosperidade.

CELESC

Centrais Elétricas de
Santa Catarina S.A.

SETOR BLUMENAU - CX. POSTAL, 27 - AL. DUQUE DE CAXIAS, 63 - END. TEL.: «SETORCELESC» - S. CATARINA

Empresa Industrial

Garcia S.A.

BLUMENAU — ESTADO DE SANTA CATARINA

Escritório e Fábrica: - Rua Amazonas, 4.906 - Garcia

Enderêço Telegráfico: «GARCIA» - Caixa Postal, 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO DE BANHO

TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA

LENÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATGALHADOS

CRETONES E OUTROS TECIDOS